

O passado envenenado de Julian Barnes

Autor inglês está de volta com sua escrita precisa em "O Sentido de Um Fim". Por **Heitor Ferraz**, de São Paulo

"O Sentido de Um Fim"

Julian Barnes

Trad.: Léa Viveiros de Castro

Rocco, 160 págs., R\$ 24,00 **AAA**



Falar em precisão, no caso do escritor inglês Julian Barnes, é chover no molhado. Há, em suas narrativas, um senso de equilíbrio impressionante:

nenhum detalhe fica solto, como molas, ruelas ou parafusos de alguma engenhoca desmontada e montada novamente. Em seu novo romance, "O Sentido de Um Fim", publicado em maio na Inglaterra e agora no Brasil, essa precisão é disfarçada por uma série de eventos banais ocorridos na vida do narrador, Tony Webster. Com 60 anos, diante de uma enigmática herança, vê-se forçado a reconstituir seu passado, seus tempos de colégio, do qual diz não sentir "nenhuma saudade".

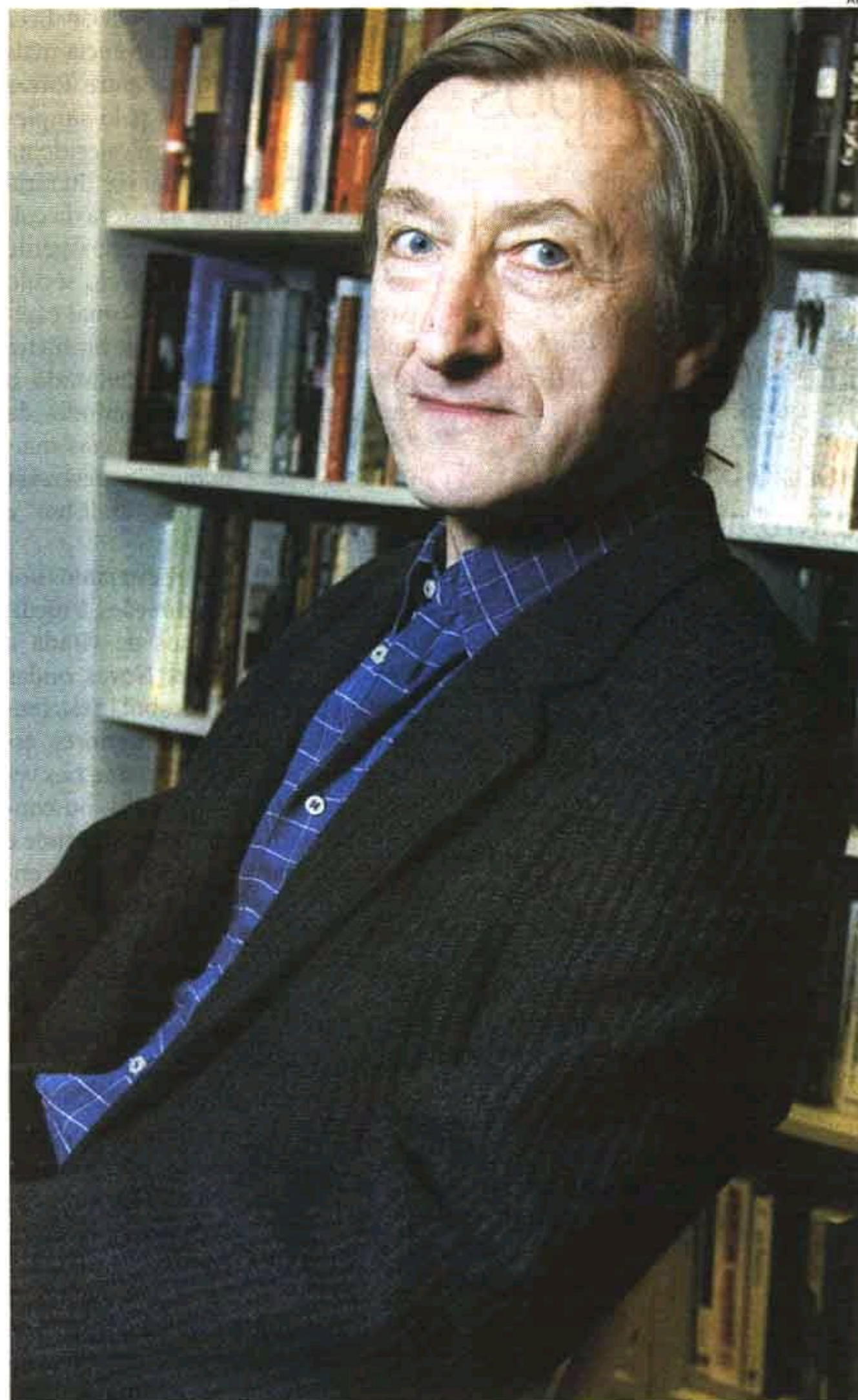
E o próprio começo do livro é uma dessas pistas verdadeiras, mas lançadas a esmo, embaralhadas, como se não fizessem muito sentido. Ele anota algumas lembranças, "em ordem aleatória", como, por exemplo, "do brilho da face interna de um pulso", "do vapor subindo de uma pia molhada quando se joga alegremente uma frigideira quente lá dentro", "das gotas de esperma girando em volta de um ralo, antes de serem tragadas e descerem sem sentido pelo cano de uma casa alta" etc. O leitor é posto diante de peças desencaixadas da memória, que assim permanecem por muitas páginas, até que cada uma vai ganhando sua configuração na narrativa.

Essa recapitulação do passado — de algo que se deu há 40 anos, quando Tony conheceu Adrian Finn, quando teve um envolvimento atrapalhado com Veronica, quando a contracultura explodiu, mas não em todos os lugares, ao mesmo tempo,

pois o conservadorismo dos anos 1950 ainda imperava, quando eles começaram a faculdade, e Tony e Veronica se separaram, e ela começou a namorar Adrian — é de dupla ordem: o leitor acompanha uma história particular, importante para a narrativa, mas ao mesmo tempo há algo de uma revisão histórica que percorre o romance como um rio subterrâneo. "Nós vivemos no tempo — ele nos prende e nos molda — mas eu nunca achei que entendia isso muito bem", diz o narrador.

"Se eu não posso mais ter certeza dos acontecimentos reais, posso ao menos ser fiel às impressões que aqueles fatos deixaram. É o melhor que posso fazer." É a partir dessa frase que ele reconstitui a sua juventude, na primeira parte do livro. Aborda inicialmente a amizade com Adrian, um jovem de rara inteligência. Depois, o namoro com Veronica, com particular destaque a um fim de semana em que passa na casa dos pais dela, em Kent. Em todo o episódio, há uma cena rápida, pintada com detalhes sumários, entre o jovem Tony e a mãe da namorada, a sra. Sarah Ford, uma conversa curta, no café da manhã. Aparentemente, um acontecimento banal, mas com uma frase pouco lisonjeira sobre a filha: "Não deixe Veronica fazer gato e sapato de você".

Essa primeira parte do romance prossegue, no raconto da juventude, até aquele momento da vida em que os caminhos parecem se bifurcar: Adrian e Veronica começam a namorar, o narrador segue sua vida, e algum tempo depois recebe a notícia da morte trágica de Adrian. É quando começa a segunda parte do livro, em que os acontecimentos da primeira parte voltam envenenados 40 anos depois, lançando-se no presente do narrador, um homem já velho, aposentado, que cuida de uma biblioteca de hospital como passatempo. É quando recebe uma herança da sra. Ford. Sim, da mãe de sua ex-namorada. Eis o enigma lançado.



Barnes: história particular, mas ao mesmo tempo revisão histórica de uma época

A delicadeza do romance é de tal ordem, com pistas espargidas ao longo das páginas, como num policial, que é difícil adiantar mais sobre o enredo sem estragar a surpresa, que fica para o leitor. No entanto, se não for exagerar a leitura, o passado, que foi esquecido, como

sempre nos acontece, retorna vivo e feroz, cobrando sua restituição, sua parcela de responsabilidade no fluxo dos acontecimentos. Ou como diz o velho Webster: "Existe acumulação. Existe responsabilidade. E além de tudo isso, existe inquietude. Existe grande inquietude". ■